

5 f h] [c g

Como falar de um mistério, daquilo que a nossa razão não consegue penetrar? Somente fazendo curvar a razão e dando vazão à Fé. Assim, podemos destilar da doutrina Católica o princípio de que, para estudar

sempre partir da Fé, para depois aplicar o nosso intelecto e concluir sempre com um novo ato de Fé, pois, melhor parece ser amar aquilo que nos excede e compreender o que nos é inferior.

Sendo o mistério algo insondável para o nosso intelecto devemos crer, celebrá-lo, e dele viver considerando-o com os olhos da fé; fazendo dela e da razão, uma unidade. Ao longo do estudo, a Fé auxiliar-nos-á naquilo que a razão não alcança, no entanto, sem excluí-la.

Entre os mistérios que a Igreja Católica prega, um dos mais augustos e admiráveis é o da Transubstanciação, pois nele “está contido o Cristo inteiro sob cada espécie e sob cada parte de cada espécie”. [1] Mas como? Somente é explicável por um milagre: toda a substância do pão se converte na substância do Corpo de Nosso Senhor e toda a substância do vinho na substância do Seu Preciosíssimo Sangue.

Pronunciadas as palavras da consagração – Isto é o meu Corpo; Este é o cálice do meu sangue – Nosso Senhor Jesus Cristo passa a estar presente instantaneamente [2] em Corpo, Sangue, Alma e Divindade, sob as espécies do pão e do vinho. O que quer dizer “sob as espécies”? Nada mais, nada menos, opera-se o milagre da transubstanciação, a substância do pão e do vinho deixam de estar presentes dando lugar à substância do Corpo e do Sangue de Jesus Cristo, mas mantendo os acidentes do pão e do vinho, o que naturalmente é impossível, pois o

5 f h] [c g

que sustenta os acidentes é a substância. Uma vez que a substância do pão ou do vinho deixam de estar presentes os acidentes também deveriam desaparecer, mas na Eucaristia não se dá isso; os acidentes permanecem (cor, odor, etc.) e a substância muda,[3] “porque a Deus tudo é possível” (Mt 19,26).

Na Eucaristia, essa presença se dá de duas formas. Em primeiro lugar por força do sacramento, por outras palavras, na consagração da espécie do pão é dito: “Isto é o meu Corpo;” por virtude do sacramento ali está exclusivamente presente a substância do Corpo de Cristo. Da mesma forma em relação à espécie do vinho, é dito: “Este é o cálice do meu sangue...” sob essa espécie está presente exclusivamente a substância do Sangue de Cristo. Por outro lado, por razão de concomitância, ou seja, onde está presente um, está presente o outro, sob a espécie do pão está presente a substância do Corpo, como foi mostrado, mas também o Sangue a Alma e a Divindade, uma vez que não é possível separá-los.[4]

Portanto, quando recebemos a Eucaristia, é a Ele próprio que recebemos. Aquele mesmo que nas ruas da Galiléia curava os doentes, os coxos, os paráliticos... Aquele mesmo que Se deixou crucificar, “o Justo pelos injustos” (1Pedro 3, 18) a fim de salvar-nos; “Só” isso? Não! O próprio Deus Uno e Trino vem habitar-nos, mas este, será tema para um nova artigo.[5]

Tão grandioso mistério, não podemos compreender, mas nossa Fé nos assegura. “Quod non cápis, quod non vides, animósa fírmata fídes, praetes rérum órdinem”. [6]

Notas:

[1] DS 1653.

[2] Cf. S.Th. III q.75, a.7.

[3] Cf. S. Th. III q.77, a.1.

[4] Cf. *Contra Gentiles*, 4, 64; III, q. 76, a. 1.

[5] Cf. VVAA. *Lexicon dicionário teológico enciclopédico*. Trad. João Paixão Netto; Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2003. Pág. 108-110.

[6] Cf. *Missal Romano: I lecionário dominical*. São Paulo: Edições

&#

5 f h] [c g

Loyola, 2003. Pág. 985.

' #